N.º 106 Ovar, 31 de Maio de 1908 Anno III

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal . . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A MONARCHIA E AS CLASSES INFERIORES

I

A sociedade está em desequilibrio. Entre as classes, entre a burguezia e o proletariado, entre o capital e o trabalho, ha apenas uma harmonia apparente, e uma paz boriada.

Se não se ligarem nos seus direitos, e nos mesmos interesses, é de prever uma alteração da ordem actual, como a que resultou da lucta historica entre a nobreza privilegiada, e a burguezia forçada.

Notamos uma differença: até 93 a nobreza ia-se abatendo cada vez mais; hoje a burguezia cresce, torna-se mais influente e poderosa.

Mas tambem do seu lado as classes que vivem do salario, se vão instruindo, creando meios proprios, e de muitos modos unindo os seus esforços.

Em 1870 escrevemos as seguintes reflexões, que tornamos a publicar na *Revista Nacional* em 1880:

«Nos jornaes, nos livros, nos clubs, nos salões, nas officinas, até nos parlamentos, em todos os angulos da terra, se affirma o novo direito, se condemna a exploração do homem pelo homem, se accusam os defeitos da ordem economica, que nenhuma lei regula, e se lastima a violenta e angustiosa situação dos proletarios; em toda a parte as miserias se insurgem contra os monopolios e reclamam uma outra distribuição dos meios de adquirir, o que é differente da igualdade de bens sonhada pelos communistas.

II

O mundo agita-se: a crise social começa para a qual teem contribuido todas as luctas, todas as emancipações, todas as reformas, todos os progressos.

Assim acha-se hoje o proletario em face da burguezia rica e preponderante, como esta se achava outr'ora em face da nobreza privilegiada e senhora da terra.

A burguezia nasceu do peculio dos servos: cresceu entre estes e os nobres: reagiu contra a feudalidade, combateu e distruiu os privilegios que atacavam o direito e a liberdade de adquirir; então alliava-se com os reis contra os barões seus rivaes: afinal 93 deu-lhe a preponderancia: alcançou os direitos civis e politicos e a mais ampla liberdade de acção: depois foi-se desenvolvendo sempre, e absorvendo a nobreza: agora, esquecida da sua origem e apoiada nos governos, reprime as classes inferiores que aspiram aos mesmos direitos e gozos.

III

Dois factos de uma poderosa influencia dominam o mundo europeu, a que teem servido de guia e de exemplo: o primeiro foi uma revolta da aristocracia associada aos burgos: não se gerou de uma theoria, mas deu uma deducção juridica das antigas cartas: estabeleceu as liberdades da nação inglezа, mas não os direitos do homem: é por isso que se harmonisou com as velhas instituições, das quaes permaneceu o monstruoso regimen da terra, cuja legislação ainda hoje varia em todas as provincias da Inglaterra: lá todas as reformas são transacções com o passado, e nada se destroe completa nem abruptamente: a segunda fel-a a burguezia com o povo; inspirou se do contracto social de Rosseau, abrangeu tudo, sujeitou a França a uma unidade severa e intransigente, e declarou-se extensiva a todas as nações.

Com ella o elemento burguez e o popular tanto se engrandeceram, que depois a realeza, restaurando-se, se viu obrigada a aceitar a nova ordem creada: assim não foi a revolução franceza que ficou vencida e se annullou, porque subsiste em todos os codigos e constituições, exepto na Russia onde, comtudo, já se move um immenso partido sedento de reformas e de liberdade: os seus principios formam a atmosphera politica, em que a Europa respira; as suas instituições vigoram: da velha monarchia apenas sobrevive o rei, que está bem mudado do que era.

IV

Mas 93 deixou o direito na sua base individualista: com tal base não ha verdadeira associação, apenas individuos agglomerados, sem obrigações communs, nem harmonia de interesses.

Ora o direito é uma relação, que liga o individuo e a sociedade: considerar os direitos sómente no individuo, é falsear o seu principio, porque é suprimir um dos termos d'aquella relação: assim as obrigações communs estão fóra da esphera racional do direito, e é força estabelecel-as como condicções meramente praticas e negativas, porque limitam a individualidade.

Até hoje a revolução pretendia tornar o homem livre e independente, agora pretende creal-o socio.»

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A' UNE JEUNE FILLE

Sous le grande concert des choses
Il se cache un coeur aimant—
Vois, l'astre d'or et les roses
Nous rêgardent doucement.

Tout pein d'amour et d'ivresse—
Ce iayon nous éblouit—
Sens—tu quel flot de tendresse
Sort d'un buisson qui fleurit?

La terre, pour nons si tendre,
Toujours donne son encens—
On croit Dieu pret à descendre
Dans ces vallons odorants.

Cependant malgré l'aurore
Versant sa joie en nos coeurs,
Malgré ce qu'on nomme encore
Des charmes ou des bonheurs,

Malgré la nature en fête,
Malgré le coenr tout é émû,
Oui! malgré tout, l'on sonhaite
Je ne sais quoi d'inconnû!

Alors, comment satisfaire
Le désir inassouvi?
Aimons—nous bien sur la terre,
N'envions pas l'infini—!

Pour moi, dans ton doux sourire,
Dans tes yeux charmants, joyeux,
C'est Dieu—même, qu'on voit luire.
Je n'ai pas besoin des cieux!

Lourenço d'Almeida Medeiros,

A ALLIANÇA INGLESA

XVI

Eis ahi no que consistia o prestigio da Inglaterra sobre os Makololos. Via-se obrigado o representante de Sua Graciosa Magestade a declarar, depois de arrogantemente haver affirmado o protectorado da sua nação sobre aquelles povos, que não podia prometter a segurança de uma expedição scientifica no territorio Makololo e que os mesmos Makololos não acreditavam no que elle, seu suzerano e protector, lhes dizia!

A prova de que este sr. Buchanan não passava d'um refinadissimo velhaco, dá-a elle proprio no officio enviado a lord Salisbury, datado de Chilomo, e em que, em presença da marcha dos portugueses, elle se *vira compellido* a fazer uma declaração, em que affirmara que os Makololos estavam debaixo da protecção de Sua Magestade a Rainha da Inglaterra (1). Quer dizer, Serpa Pinto ia pregando em terra com o famoso castello de cartas armado pelos agentes britanicos no Nyassa. Se da parte do governo português tem havido mais habilidade e sobretudo previdencia, e menos preguiça, Portugal não teria soffrido as terriveis amputações que soffreu de vastissimos territorios no interior da Africa e a bofetada do *ultimatum*.

Entretanto proseguia activamente a occupação da Machona pela companhia *South Africa*, sob a direcção superior de Cecil Rhodes, a esse tempo o primeiro ministro da Colonia do Cabo. Depois do *ultimatum* essa actividade redobrou. Cecil Rhodes queria apossar-se dos territorios que Portugal podia reivindicar quando se procedesse á delimitação, absolutamente indispensavel depois do *ultimatum*.

Assim, aproveitando-se das vantagens obtidas pelo tratado com o Lobengula, rei dos Matabelles, Cecil Rhodes fez avançar os seus flibusteiros até aos extremos limites da Machona, terrenos já comprehendidos nos districtos portuguêses de Sofala e de Manica e sobre os quaes exerciamos jurisdicção effectiva, e todos os postos de occupação portuguêsa foram intimados a retirar.

Contra esta descarada violação do direito das gentes e do *modus-vivendi* celebrado após a rejeição do tratado de 20 de agosto, protestaram alguns raros portuguêses que ainda possuiam as virtudes antigas da sua raça. Paiva d'Andrada, Manuel Antonio e Rezende fôram presos pelos flibusteiros da *South Africa* por haverem protestado contra o inqualificavel procedimento d'essa Companhia que se apoderara violentamente dos estabelecimentos da Companhia portuguêsa de Moçambique, e depois do conflicto de Murtaça, surge o conflicto de Massiquece, aonde Carlas Xavier com um punhado de valentes se bateu valorosamente contra os inglêses, defendendo

Pinheiro Chagas—*As negociações, etc.*

A REDEMPÇÃO

III

D'estas creaturas a vida venturosa,
Era um prisma d'amor todo ideal,
O seu mundo éra um mundo côr de roza,
Gozando da vida angelica immortal.

E o maldito, invejoso Satanaz, (•)
Inimigo da virtude e da candura,
Vendo nossos paes gozar da dôce paz,
Poz-se em campo a roubar sua ventura.

Astuto e sagaz, sondou o abysmo
Em que ia precipitar a humanidade;
Viu, então, com profundissimo cynismo,
A gloria que ia roubar á Divindade.

Gozando d'essa paz inalteravel,
Que rejubila no que Deus sanctificou,
Eva apanhando fructa sazonada,
A serpente que ella viu lhe perguntou:

Qual a razão porque não tocas donzella
No fructo d'aquella arvore? Toca-lhe, vá!
—Deus não quer.—Oh! quem o fructo comer d'ella
Fica logo sendo egual a Jehová!...

A mulher inexperiente e vaidosa
Deixou-se vencer do grande mentiroso,
Estendeu a mão ao fructo côr de roza,
Offereceu então d'elle a seu esposo.

Comeram, pois, do prohibido fructo;
Lucifer tripudiou!... esse matreiro,
Grande criminoso, inimigo astuto,
Pae da mentira, velhaco, embusteiro.

.....
.....
.....
.....

Desgraça... da lei do senhor a transgressão,
Cavando abysmos de Deus affastados;
A louca Eva e o infeliz Adão
Ficaram inteiramente desgraçados. (••)

Consternados os Anjos nas alturas, (•••)
Tristeza infinda o Céu experimentou;
Lastimando as humanas creaturas
Por este drama que no Eden se passou.

(Continúa).

João da Silva Ferreira.

(•) Alerta! Estamos cercados por um inimigo terrivel, *Lusbel*, o maior inimigo do homem.

Este fascinora, foi expulso do Céo como indigno habitante d'aquella mansão ditoza, pela sua rebellião contra o Omnipotente, e condemnado a supplicios eternos.

Na sua rebellião arrastou apoz de si muitos milhões de companheiros, que foram condemnados como elle a penas eternas.

O seu odio a Deus não tem limites; não se folga de o odiar, e desejaria destruil-o, se para isso tivesse poder.

Todo o seu empenho é destruir o reino de Deus sobre a terra, seduzindo miseravelmente aos crimes e aos erros que mancham as consciencias ás creaturas remidas com o sangue da victima do Calvario!

E' a esta sagaz entidade que se deve a desgraça de nossos primeiros paes; é a este intrujão que se devem os erros e os crimes da idolatria; é a elle que se devem todos os crimes que affastam a creatura do seu creadôr!

Lança mão de todos os meios para arrancar as almas á amizade de Deus, afim de que a morte as surprehenda n'este misero estado, para as poder arrastar aos supplicios eternos.

Não descança; a sua existencia é occupada constantemente em materialisar as almas por meio das paixões aviltantes. E' um intrujão, mentiroso, seductor, inimigo de todo o bem.

(••) Foi tal o abysmo em que foram despenhados os nossos primeiros paes pela desobediencia ao seu creadôr, que não havia remedio possivel para arrancal-os da sua triste situação, senão o sangue de um Deus!

(•••) Os anjos, como amigos de Deus, sentem uma alegria indefinida, quando na terra, se dá culto e gloria a Deus; bem como se enchem de tristeza, quando, na terra, offendem o Omnipotente.

os territorios que occupava, até que a noticia do tratado 28 de maio de 1891 poz termo a essas luctas bravas e quasi ignoradas nos sertões africanos, luctas que fôram a bem dizer, o unico protesto sério da nação esbulhada e affrontada.

O tratado 28 de maio fez aos inglêses todas as concessões que elles exigiram sobre a liberdade de navegação do Zambeze e do Chire e de todas as suas ramificações, e sobre a liberdade de transito pelas vias terrestres e outras vantagens de caracter mercantil. Reconheceu o roubo de Manica e deixou-lhes nas mãos todos os territorios cuja posse nos disputavam e que constituiam a parte mais rica dos sertões de Moçambique ficando esta nossa provincia consistindo numa faixa littoral cuja maior largura fórma a reentrancia do Zumbo até á margem oriental do Aroangoa, num raio de 10 milhas inglêsas, territorio do qual nunca poderemos dispôr sem o prévio consentimento da Gran-Bretanha (art. 1.º), reentrancia aberta ao norte pela cunha do territorio inglês (Blantyre, Makololos, etc.) que penetra pelo coração dos demonios portuguêses até abaixo da confluencia do Ruo e do Chire. O comprimento total da provincia ficou comprehendido entre a margem norte do rio Maputo e a margem do sul do rio Rovuma. Assim sanccionámos a expoliação: dos territorios do Chire, e dos comprehendidos para oeste do Zumbo, que formavam o districto d'este nome; do territorio da Machona, e do interior dos districtos de Manica e Sofala, ricos de minas de oiro, e dominios já do regulo cafre Gungunhana, cuja obediencia a Portugal era incontestada.

A clausula da preempção apparece a cada passo no tratado, a proposito de todos os territorios cuja posse a Inglaterra nos reconhece. Ella se estende sobre Lourenço Marques e sobre Angola; além d'isso as concessões de caracter commercial, e de livre transito feitas á Inglaterra collocaram o commercio português, nas duas provincias, em perfeita egualdade de tratamento; por isso elle se desnacionalisou em Moçambique e decahiu em Angola, desde então.

Em resumo: «Nunca, póde affirmar-se sem hesitação, soffreramos semelhante ultrage. Ficamos num protectorado positivo, como fellahs do Egypto, ou matabelles do centro da Africa. Nunca: nem os tratados do seculo XVII, nem o de Methwen, nem 1810, nem o da India—nenhum juntou ainda assim á espoliação a sujeição, accrescendo por sobre ambas o escarneo» (1).

Tal foi o resultado da avida cubiça britannica conjugada com a inepta politica colonial dos nossos governos.

Affonso Ferreira.

(1) Oliveira Martins—*Portugal em Africa.*

LITTERATURA

As Miragens Seculares

V

Não devo enfastiar os que me lerem com explicações importunas—mas preciso de corrigir uma passagem do artigo anterior, que sahiu incompleta.

Esse infinito a separar-se do finito, conforme o snr. Theophilo se expressa, formula *metaphisica* e pantheista, só diverge do systema de *Hegel* em que n'este o absoluto se vai transformando ou operando em si-mesmo a evolução do mundo.

Segundo *Vico* a providencia dotou o homem das noções rudimentares, que se revelam na poesia primitiva e religiosa, e são as mesmas que ao depois a razão desenvolue e apura—ha assim dois periodos na vida das sociedades, um poetico, outro reflexivo—na philosophia do segundo reapparece tudo o que já se continha em germen na poesia, e na religião das primeiras epochas.

Eis ahi o que illude o snr. Theophilo para nos dizer pomposamente—«*são os grandes poemas anonymos*, (cujo valor muito exagera) *que fecundam a alma humana*—contradizendo, sem n'isso reparar, os lemmas positivos, que apregoa.

No positivismo as crenças das primeiras epochas d'um qualquer povo ou civilisação, vans, imaginarias, nada pódem fecundar—e seria forçado o snr. Theophilo a crer nas ideias e sentimentos *innatos, e na providencia,* contra quem sempre se declarou. As suas contradicções abundam.

«A civilisação corrompe, diz Vico, as nações decahem, e voltam á rudeza natural, d'onde se foram affastando»—tal succedeu com a sociedade romana; seguiu-se-lhe a barbaria feudal—renovaram-se as superstições primitivas, as luctas dos heroes, etc. etc.

E o snr. Theophilo, que nunca cessa de invocar *as leis de Vico* lamenta, que a idade-média, **de que a Europa se esqueceu,** não seja a fonte das inspirações litterarias modernas e contemporaneas!—(porque assim o leu *em Schlegel* certamente).

Mas como decahem, tambem se restauram, e recomeçam um novo periodo, em que outra vez se civilisam. Eis os cyclos ou alternativas da theoria de Vico.

Para Hegel cada epocha, ou raça, ou povo, vem revelar uma ideia, que a sua acção realisa, e que o distingue na historia; são manifestações do absoluto — as phases humanas são pois divinas —o progresso é continuo ao revez da concepção do philosopho da *Sciencia Nova*, etc.

O *Contismo*, que nos seus principios geraes reproduz a doutrina materialista, da qual em vão quer estremar-se, considera tres phases successivas do espirito humano, que se reflectem na historia—o 1.º tetichista e polytheista, o 2.º metaphisico, o 3.º o positivo, o qual já começa, e que não crê senão nas propriedades da materia, e por ellas tudo explica, negando todas as entidades. E' a lei dos *Tres Estados*, que já refutamos n'este jornal.

A nossa epocha, que Comte reputa anarchica, negativa, dissolvente, está preparando o mundo para *a epocha normal*, que hade estabelecer-se no absolutismo, como dissemos.

A liberdade para *Comte* é a anarchia.

E o snr. Theophilo, que é contista, que repete a cada passo, que estamos n'uma transicção, critica, negativa, e que appella para a futura ordem social, e segundo se induz, como o seu mestre a sonha, faz da *liberdade* o terceiro e ultimo *cyclo* da *sua epopeia—e das Miragens Seculares!*

A anarchia metaphisica não me parece, que existisse no periodo universitario, a que o snr. Theophilo se refere, pela razão muito simples, que para isso era preciso haver lucta entre ideias filhas de varios systemas de metaphisica, e não havia senão a crença geral nas entidades *Deus, e o espirito* com os dons da razão e da consciencia.

A anarchia mental devia havel-a mas no espirito do snr. Theophilo e do grupo revolucionario—pois nos diz que pelo estudo de Michelet, Vico, Hegel e Comte, *suppriram o que faltava ás faculdades creadoras de João de Deus;* ora nós acabamos de vêr como os tres ultimos e mesmo o 1.º se não harmonisam em doutrina, e portanto da sua mistura se não conseguiu uma combinação racional uma synthese, que presidisse revolução litteraria, nem que podesse *supprir o que faltava ás faculdades creadoras* d'aquelle poeta.

No ensino das sciencias naturaes nada influiu nem podia influir a supposta nova eschola—pois lá só se attende aos factos e ás suas relações, ás leis que as regulam, e não se recorre a nenhuma metaphisica.

Emquanto ao mais negamos que os nossos contistas contribuissem para a *renovação do espirito portuguez*—a qual se deve á invasão constante dos livros francezes, que em tudo influiram na sciencia, na philosophia, na litteratura e em todos os seus ramos na historia, no romance, na poesia, no theatro, etc.

Se a metaphisica estava tão enraizada, quem lhe cortou as raizes?

Foram as formulas, que o snr. Theophilo copia de *Comte* sem discutil-as?

Vejamos. E' um prologo do snr. Theophilo que o decide. (Theoria da Historia da Litteratura Portugueza).

Ahi se lê.

«Um dos sonhos, que m'embalaram a vida já está realisado. Foi a Epopeia da *Humanidade*. Um outro sonho tambem absorvente e consolador, o *plano* da Historia da Litteratura é que me foi educando o criterio - como *autodiducta* n'esse longo trabalho apresento as vacillações e incertezas de methodo, e o *desconhecimento das sciencias subsidiarias*—sentia a necessidade de refundil-a *integralmente* esclarecendo o processo critico, e *unificando-o* pela *mesma luz* philosophica.»

«Faltava-me o *conhecer* a anthropologia, a ethnographia, ignorava o processo da formação das linguas romanicas, o methodo philosogico comparativo, tinha uma incompleta noção historica da *Idade Média*, e principalmente da *revolução occidental,* que envolve todas as manifestações da historia moderna da Europa, estava desviado d'apreciar a missão iniciadora e profunda da cultura greco-romana, com um **criterio anarchico** julgava as instituições e os homens, sem ter a *vista de conjuncto de uma philosophia*, que me revelasse as leis psychologicas e historicas para coordenar uma erudição impertinente».

Ora ahi o maior pensador do mundo latino!

Eis ahi o Mestre.

A *anarchia* estava pois no espirito do snr. Theophilo, como confessa em 1896.

Sendo assim, como é que os seus livros operaram a renovação do espirito portuguez?

O seu espirito não está mais correcto—como já apuramos ácerca das raças.

Veja-se o que eram esses processos scientificos de que sempre se pavonou!

E essa *confusão* não é senão uma vaidade—e um calculo - quer abafar a critica renegando a sua *longa tarefa*, e antes que lhe notem os erros—proclama, que o refundiu á luz de todo o saber na actualidade.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida Medeiros.

Errata do n.º antecedente

No artigo *Miragens*—onde se lê—fazer a valer o espirito nacional—leia-se—a fazer valer o espirito nacional.—Em vez de 60—leia-se—6 volumes. - Na poesia.—Onde se lê—não sei o que pende do sr. Theophilo—leia-se não sei o que pense.—*A un Jeune couple*—onde se lê—*la natare* en fête—leia-se—la nature en fête—em vez de — on lá sent—leia-se—on la sent—em vez de—Sans jamais satisfais e—leia-se - sans jamais satisfaire—em vez de—áces veux—leia-se—á ces vœux.

NOTICIARIO

TEMPO

Ninguem se assuste... que a pistola não tem fechos!...

Ouviram a trovoada, viram a

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

E de que serve procurar o accordo entre a resignação e a luta se elle não existe na terra? O povo, em massa, pode libertar-se, fazer-se illustre pelos gloriosos combates, pelos bons costumes, pelas virtudes civicas; mas individualmente o homem tem um destino particular; uns sentem-se capazes de produzir impressões, de viver fraternalmente com os simples; outros crêm-se chamados a esclarecer os espiritos, a procurar a luz, quer nas solidões, quer entre os inimigos da sua raça.

Os grandes mestres da arte têm trabalhado materialmente para os ricos, mas moralmente para todos os homens, porque o sentimento e a revelação do bello nas suas obras podem ser uma fonte para o mais humilde proletario. Cada qual pode seguir a sua inspiração o obedecer aos designios mysteriosos, com que a Providencia os fadou!

Meu pai gosta de cantar versos chistosos nas tavernas, chegando a eletrizar os seus companheiros; as suas narrativas, sentado n'um banco, á esquina d'uma rua, a sua alegria, o seu ardor no trabalho, em tudo, influem os que o vêm e ouvem. O ceo dotou-o d'uma acção immediata, pelos mais simples meios, sobre a fibra vital de seus irmãos, o enthusiasmo nos labores, a expansão nas horas de recreio.

Eu gosto dos templos solitarios, dos palacios grandiosos, velhos e tristes, das obras primas de remotas eras, da applicação indagadora, de saber a arte no apuro. A sociedade dos patricios não me intimida. porque os encontros degenerados demais para os temer.

Os seus nomes são a meus olhos uma poesia que os transforma em figuras, em sombras, se o queres, e gosto de passar, sorrindo, por entre ellas, que não me amedrontam.

Eu amo os das eras passadas, vivo com o preterito; é por elle que tenho a noção do futuro. Confesso-te que pouco conheço o presente, porque o momento preciso em que vivo, não existe para mim, vou sempre indagando o passado e as realidades transporta-as ao futuro. E' assim que as transformo e idealiso. Já vês que não podia servir para o mesmo que meu pai e tu, ainda que usasse d'iguaes meios; isso não depende de mim.

—Miguel, diz Magnani; a tua cabeça vence a minha; devo absolver-te e eximir-te das minhas observações! Mas eu soffro, sabes, soffro muito! As tuas palavras magoaram-me profundamente!

—E porquê, bom Magnani?

—E' segredo só meu, e portanto quero confiar-t'o, sem trahir a sua pureza: Crês, pois que eu tambem não tenha alguma ambição licita, algum desejo secreto e intimo de libertar-me da sujeição em que vivo? Ignoras que todo o genero humano, do amago da alma aspira á felicidade? E crês que o sentimento d'um triste dever me faça nadar em delicias?

«Olha! avalia a enormidade da meu pesar: amo loucamente ha cinco annos uma dama cuja jerarchia a colloca na sociedade tão distante de mim como o ceo está da terra; e sempre imaginando impossivel receber d'ella um olhar de compaixão, me prendi ao enthusiasmo do meu soffrimento, da minha pobreza e forçada nullidade entre os homens. Foi com uma especie de azedume que resolvi não imitar os que têm pretensões altas e se expõem ao escarneo dos grandes e pequenos. Se fosse um d'estes, pensava eu, talvez me esperasse um dia em que podesse delicadamente levar aos meus labios a mão da que eu adoro; mas, assim que eu desvendasse o mysterio da minha paixão, seria, sem duvida, repelido, com escarneos, espesinhado. Antes quero continuar perdido no pó do meu officio e nunca fazer-lhe conhecer as minhas incensatas pertenções.

Prefiro que ella sempre julgue impossivel o ter despertado em mim o gozo de possuila. Ao menos soba libré de operario, ella respeitará o meu não sabido desgosto, não o empeçonhará ao conhecel-o, corando de vergonha de tel-o despertado, e suppondo necessario preservar-se d'elle.

N'este mesmo instante ella passa perto de mim como d'um objecto que lhe é indefferente, mas sem julgar-se com auctoridade de insultal-o aniquilando-o. Compremenda-me, sorri para mim, e falla-me como a um ser de especie differente. Não porque seja esse o seu fito, mas é instinctivo, eu o sinto e percebo. Se quer ao me os não pensa em humilhar-me, não o desejaria fazer; e quanto menor é o orgulho que tenho de agradar-lhe, menos eu receio de não me ultrajar por piedade.

Tudo mudaria se fosse pintor ou poeta, se lhe apresentasse o seu retrato feito com a minha mão tremula, ou um soneto da minha lavra em sua honra; ella sorriria d'outro modo, differente seria o seu fallar. Haveria reservas, gracejos ou dó na sua bondade, quer eu tivesse attingida a méta, quer malograda fosse a minha tentativa de arte.

Prefiro ser o artifice que a serve, vendendo-lhe o trabalho de seus braços, a ser um *debutante* que ella protegesse como inhabil, ou lastimasse como demente.

—Agrada-me e aprovo esse teu modo de sentir altivo, diz Miguel agora tambem meditabundo, e parece-me um bom exemplo digno de ser imitado, mesmo na minha posição e apesar dos meus firmes propositos, se eu tentasse procurar o amor acima de certos obstaculos, absurdos na realidade, mas enormes.

Oh! comtigo, Miguel, o caso muda muito de figura. Os obstaculos d'hoje entre ti e uma grande dama rapidamente seriam vencidos, e tu proprio o disseste—hade haver tempo em que estas senhores serão as primeiras a cortejarem-me. Esta palavra que fugia do teu coração, pareceu-me a principio presumpçosa e ridicula; agora comprehendo-a, achou-a natural e legitima.

Sim, has-de agradar ás damas da mais alta categoria, tu, porque estás na flor da juventude, porque a tua belleza tem um caracter delicado e um pouco feminino que te assemilha aos que desde o berço levam uma vida regalada, porque tens o habito da elegancia, o instincto das bellas maneiras e naturalidade com que andas bem trajado;é preciso tudo isso juntamente com o genio e o grande successo para que estas orgulhosas mulheres esqueçam a origem plebeia do artista. Sim, tu poderás parecer-lhes um homem, emquanto que a mim baldado seria o meu querer enfeitar-me; nunca passaria d'um obreiro; o meu rude exterior transpareceria a despeito dos meus exforços para o esconder.

Agora já seria tarde demais: tenho vinte e cinco annos!... Estremeço, porem, movido de estranha comoção, ao lembrar-me que ha cinco annos, quando era ainda maliavel como a cera, se alguem tivesse legitimado e enobrecido a meus olhos os instinctos que me nasceram se alguem me tivesse fallado como tu, eu teria podido seguir uma direcção analoga á tua e lançar-me n'uma carreira fascinadora.

(Continúa)

Clara de Miranda